



**A LITERATURA COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA O ENSINO-
APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA POR MEIO DA OBRA O
“QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA”**

**THE LITERATURE AS A METHODOLOGICAL RESOURCE FOR THE TEACHING-
LEARNING OF GEOGRAPHY: A PROPOSITION THROUGH THE BOOK
“QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA”
 (“EVICTION’S ROOM: THE DIARY OF A SLUM HABITANT”)**

**LA LITERATURA COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA LA ENSEÑANZA-
APRENDIZAJE DE LA GEOGRAFIA: UNA PROPUESTO POR MEDIO DE LA
OBRA “QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA” (“LA PIEZA DEL
DESECHO: DIÁRIO DE UNA VILLERA”)**

REZENDE, Leandra Eduarda Fabri
lefabrierezende@gmail.com

UENP - Universidade Estadual do Norte do Paraná - Campus Cornélio Procópio
<https://orcid.org/0000-0001-6453-6451>

LUDKA, Vanessa Maria
vanessaludka@uenp.edu.br

UENP - Universidade Estadual do Norte do Paraná - Campus Cornélio Procópio
<https://orcid.org/0000-0001-6348-2543>

PEREIRA, Sérgio Augusto
sergio.augusto@uenp.edu.br

UENP - Universidade Estadual do Norte do Paraná - Campus Cornélio Procópio
<https://orcid.org/0000-0001-9898-3305>

RESUMO A Geografia desenvolve estudos que se relacionam com diferentes áreas do conhecimento, dentre elas a Literatura. Sendo assim, o objetivo da pesquisa foi apresentar a Literatura como um recurso metodológico para o ensino-aprendizagem da Geografia por meio da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” escrita por Carolina Maria de Jesus, desenvolvendo desse modo a comunicação entre Geografia e Literatura. Para fundamentar a pesquisa, foram utilizados autores como: Cavalcanti (2008), Pires (1998), Moraes e Callai (2012), entre outros. Por meio da seleção de fragmentos da obra foi possível vislumbrar algumas de suas potencialidades para o ensino-aprendizagem da Geografia, aliando-se à linguagem literária com conceitos próprios da ciência geográfica, tendo como base autores como: Santos (1997, 2009), Castro (1984), entre outros.



Palavras-chave: Conceitos geográficos. Linguagem Literária. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT Geography develops studies that connect with different areas of knowledge, among them the Literature. Therefore, the goal of the investigation was to present the Literature as a methodological resource for the teaching-learning of Geography through the book “Eviction’s room: the diary of a slum habitant” written by Carolina Maria de Jesus, developing in this way the communication between Geography and Literature. To substantiate the investigation, were used authors such as: Cavalcanti (2008), Pires (1998), Moraes and Callai (2012), among others. Through the selection of fragments from the book, it was possible to catch a glimpse of some of its potentialities for the teaching-learning of Geography, connecting the literary language with specific concepts of the geographical science, based on authors such as: Santos (1997, 2009), Castro (1984), among others.

Keywords: Geographical concepts. Literaray Language. Interdisciplinarity.

RESUMEN La Geografía desarrolla estudios que se relacionan con diferentes áreas del conocimiento, entre ellas la Literatura. Por consiguiente, el objetivo de la investigación fue presentar la Literatura como un recurso metodológico para la enseñanza-aprendizaje de la Geografía por intermedio de la obra “La pieza del desecho: diario de una villera” escrita por Carolina Maria de Jesus, desarrollando de esa manera la comunicación entre Geografía y Literatura. Para fundamentar la investigación, fueron utilizados autores como: Cavalcanti (2008), Pires (1998) y Moraes y Callai (2012), entre otros. A través de la selección de fragmentos de la obra fue posible vislumbrar algunas de sus potencialidades para la enseñanza-aprendizaje de la Geografía, uniendo el lenguaje literario con conceptos propios de la ciencia geográfica, teniendo como base autores como: Santos (1997, 2009), Castro (1984), entre otros.

Palabras clave: Conceptos geográficos. Lenguaje literário. Interdisciplinariedad.

1 INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência que abrange uma ampla variedade de temas e, para isso, emprega diversos recursos metodológicos, incluindo a Literatura. Desde os primeiros anos da Educação Básica, antes mesmo do contato com textos escritos, os alunos já são leitores do mundo, interpretando paisagens, o espaço em que vivem e tudo o que conseguem observar ao seu redor. Neste contexto, a presente pesquisa utiliza a Geografia para explorar as leituras de mundo expressas na obra literária em estudo, apresentando perspectivas distintas da realidade cotidiana por meio dessa linguagem.

Na perspectiva escolar, todas as linguagens são igualmente importantes ao serem estudadas. Segundo Cavalcanti (2008, p. 32), pode-se citar “[...] a música, a



literatura, o cinema, a cartografia, o estudo do meio, os jogos de simulação”. No entanto, a linguagem de mais fácil acesso, considerando a realidade estrutural do ambiente escolar da Educação Básica no Brasil, é a que se faz presente por meio dos livros. Sejam os próprios livros didáticos disponibilizados para alunos e professores da rede pública, ou obras ofertadas nas bibliotecas escolares e/ou municipais, o acesso a esse recurso é um dos mais fáceis em comparação aos mencionados anteriormente.

Nesse sentido, questionou-se: como as obras literárias podem contribuir para o ensino-aprendizagem da Geografia, bem como para a discussão das categorias geográficas de análise, das escalas, entre outros temas relacionados a essa ciência?

Sendo assim, o objetivo da pesquisa foi apresentar a Literatura como um recurso metodológico para o ensino-aprendizagem da Geografia por meio da obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” escrita por Carolina Maria de Jesus.

A metodologia utilizada, neste estudo, foi de caráter bibliográfico e sua abordagem foi de cunho qualitativo acerca da temática a ser discutida, para apresentar a relevância da união existente entre a Geografia e a Literatura. Posteriormente foi realizada a análise da obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus juntamente com a seleção e apresentação de trechos da obra que possuem correlações com os conceitos geográficos.

Esta pesquisa foi dividida em três momentos, além da introdução e considerações finais. No primeiro momento, foi realizada uma contextualização prévia sobre a obra “Quarto de Despejo: diário de uma favela”, escrita por Carolina Maria de Jesus considerando o espaço e tempo em que foi escrita.

Em um segundo momento, realizou-se um estudo de caso da obra Quarto de Despejo: Diário de uma favelada, seguido por uma análise e apresentação das possíveis abordagens geográficas que podem ser exploradas a partir dos seus fragmentos.

No terceiro e último momento, tratou-se da obra discutindo suas correlações geográficas, envolvendo desde temas referentes à paisagem urbana, ao lugar vivido até chegar aos problemas sociais denunciados na obra, estabelecendo a união entre a linguagem literária e a linguagem científica própria da Geografia. Os temas foram selecionados com base nas possibilidades de correlações a serem realizadas para o



estudo da ciência geográfica, discutindo o que a obra oferece para o ensino-aprendizagem da Geografia.

2 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi realizada à luz do método materialista histórico-dialético, tendo como referência Marx (2001, 2008). Suas contribuições foram utilizadas para o estudo dos contextos históricos, sociais, culturais e econômicos. O método adotado favorece a discussão sobre a obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, tendo em vista que a mesma é resultado da interpretação da realidade vivida partindo da visão de mundo da escritora Carolina Maria de Jesus, que apresentou em seu diário a descrição de sua vida materializada em cada página por meio da linguagem escrita.

O método materialista histórico-dialético caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir (pelo movimento do pensamento) as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens durante a história da humanidade (Pires, 1997, p. 87).

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa foram de cunho qualitativo, realizados mediante o levantamento e análise bibliográfica de dados, utilizando-se de livros, artigos científicos, entre outros materiais. Inicialmente foram realizadas pesquisas em referenciais sobre a relação entre a Geografia e Literatura e sua aplicabilidade no ensino de Geografia, com base em autores como: Pires (1998), Cavalcanti (2008), Moraes e Callai (2012), entre outros. Além disso, foram consultados autores que discutem sobre os temas geográficos selecionados para análise como: Santos (1997, 2009), Castro (1984), Ziegler (2013), entre outros.

Destaca-se que o artigo utilizou a perspectiva de Marx (2001, 2008) e Santos (1997) para embasar a análise teórica metodológica do texto. Karl Marx é empregado como referência metodológica, pois a pesquisa se fundamenta no método materialista histórico-dialético. Esse método permite compreender como os aspectos históricos, sociais, culturais e econômicos influenciam a realidade descrita na obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus. A abordagem marxista ajuda a interpretar a obra como um reflexo das desigualdades estruturais do



capitalismo, evidenciando a relação entre pobreza, segregação espacial e exploração econômica.

Um aspecto básico e central para compreender o método materialista histórico-dialético é a forma como o homem satisfaz a sua primeira necessidade, ou seja, manter-se vivo, ponto de partida a partir do qual Marx (2008) busca entender as demais relações existentes na sociedade. É nesse sentido que a esfera econômica tem uma importância central no método materialista histórico, pois as demais dimensões da vida humana como a política, a arte, a educação etc., são decorrências de como o trabalho de produzir a vida está organizado.

Santos (1997), por sua vez, é utilizado para discutir a percepção geográfica de conceitos de espaço, lugar e paisagem. De acordo com Santos (1997, p. 46), “[...] A cada lugar geográfico concreto corresponde, em cada momento, um conjunto de técnicas e de instrumentos de trabalho, resultado de uma combinação específica que também é historicamente determinada”. Ou seja, o lugar constitui-se enquanto um reflexo da sociedade que nele se faz presente ao longo do tempo.

A obra literária permite explorar como a autora percebe e sente o espaço, tanto em termos de pertencimento quanto de exclusão. Portanto, Marx é utilizado para analisar a estrutura material e econômica da realidade descrita na obra, enquanto Santos contribui para compreender a dimensão múltipla dos conceitos, de modo que seja possível articular com os contextos sociais e históricos, algo que é observado por meio da relação da autora com os espaços geográficos apresentados ao longo da obra.

3 CONTEXTUALIZANDO A OBRA "QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA"

O livro intitulado “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” é a obra de maior destaque da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus. A obra foi publicada no ano de 1960 e reúne trechos de diários escritos em meados de 1955 a 1960. Neles, a autora relata suas vivências durante o período que residiu em São Paulo - SP, especialmente sobre suas vivências na extinta favela do Canindé.



Sua obra utiliza a linguagem do gênero textual em formato de diário. Este gênero, “[...] pertencente ao campo discursivo narrativo, apresenta um eu que objetiva narrar fatos, pois sente que dessa forma, sem um destinatário específico, conseguirá se expressar melhor e sem julgamentos de seus sentimentos” (Bastos, 2021, p. 25). O diário é como se fosse um espaço onde quem o escreve não precisa se preocupar em limitar suas emoções ou minimizar seus relatos correndo o risco de julgamentos, pois nesse espaço não há restrições geográficas e sociais.

Nos anos iniciais de sua publicação, a obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” foi classificada como Literatura Marginal, que na descrição de Ferréz (2005) corresponde a produções literárias feitas por pessoas que estão à margem da sociedade e possuem uma linguagem diferente da usual em literaturas classificadas como clássicas. No entanto, no século XXI, a obra de Carolina Maria de Jesus apresenta outras faces a serem observadas, como sua crescente popularidade nas mídias que a levaram inclusive a ser leitura obrigatória de diferentes vestibulares no Brasil nos últimos anos, dentre eles: Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP, 2019/2020), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2019) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2019/2020).

Na presente pesquisa, a abordagem desta obra não visa conceituar os tipos de linguagens e gêneros textuais, mas é fundamental num primeiro momento discutir com os alunos sobre o que é gênero textual diário. Essa explicação servirá como um organizador prévio para a discussão que será construída posteriormente, e o aluno não se sentirá perdido nas próximas aulas sem entender a finalidade da obra literária dentro da disciplina. Certos diários são feitos apenas para que o autor o leia, como se seu conteúdo fosse um segredo, ao contrário do diário de Carolina, que o escreveu com a intenção de que um dia fosse lido e conhecido pelo mundo, visando denunciar todas as situações enfrentadas durante sua vida, como retrata o trecho a seguir:

Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade (Jesus, 2014, p. 261).

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade de Sacramento, localizada no estado de Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914. Seus pais migraram para a



cidade motivados pelas atividades pecuárias na região. Sua família não tinha condições financeiras para lhe proporcionar o estudo, por esse motivo o pouco que estudou foi com os investimentos de uma das patroas de sua mãe. Entretanto, por ser negra e pobre, sofreu inúmeros preconceitos na escola (Literafro, 2022).

No ano de 1937, Carolina mudou-se para São Paulo capital em busca de melhores condições de vida. Foi um período em que a capital estava iniciando seu processo de industrialização, em pouco tempo a cidade já estava com uma superlotação de pessoas. Nesse momento, iniciou-se a construção das primeiras favelas para as pessoas que continuavam migrando para a grande cidade, uma vez que o centro já não comportava mais o contingente populacional e as indústrias buscavam as melhores localizações para suas instalações (Literafro, 2022).

A primeira capa da obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” (Figura 1) apresenta em sua ilustração o que pode ser definido pela autora como “barracão”, uma habitação feita com tábuas de madeira, popular na favela em que ela residiu grande parte do tempo em que viveu em São Paulo – SP.

Figura 1 - Capa da obra – Quarto de despejo: diário de uma favelada.



Fonte: Pinterest, 2022.

Em busca do sustento de cada dia, Carolina trabalhou inicialmente como doméstica e, depois de um tempo, quando já tinha seus três filhos, passou a trabalhar integralmente como catadora de papel e de outros materiais que pudesse vender para garantir o sustento de cada dia. O dinheiro que recebia por seu trabalho como



catadora era pouco, quando chovia ou estava doente não conseguia trabalhar, sendo que muitas vezes não tinha condições para alimentar seus filhos de forma digna: José Carlos, João José e Vera Eunice.

No dia 20 de maio de 1958, Jesus (2014, p. 38) relatou em seu diário o sofrimento que ela sentia quando não conseguia alimentar bem os seus três filhos escrevendo: “Como é horrível ver um filho comer e perguntar: ‘Tem mais? Esta palavra ‘tem mais’ fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais”. Tal trecho evidencia a fome como uma personagem constantemente presente na obra, sendo ela um dos conceitos geográficos que serão discutidos mais detalhadamente na próxima seção.

O motivo do sucesso da obra é a atemporalidade, no sentido de que mesmo tendo sido escrita em meados de 1955 a 1960, ela ainda é capaz de se relacionar com situações do Brasil do século XXI. Ao ser questionada sobre seu tipo de literatura, a autora afirmou, em um de seus depoimentos, como sua escrita por vezes não agradava a todos, principalmente aqueles que ela de certa forma denunciava.

Carolina também deixava explícita em sua fala a revolta que possuía com relação às suas condições de vida, bem como o fato de odiar os políticos e os patrões. Segundo ela, os políticos eram carnavalescos e apareciam na favela apenas nos períodos eleitorais. Já os patrões eram odiados pela sua falta de empatia com o povo, muitas vezes preferindo estocar alimentos ou até mesmo descartá-los ao invés de baixar os preços ou doar para a população em situação de vulnerabilidade. Sendo assim, ela dizia que gostassem ou não, seu papel era escrever sobre a realidade.

A escritora narra em seu diário o fato de transitar entre diferentes espaços geográficos, que por sua vez tornam-se lugares para ela, tanto no sentido de afeição quanto aflição, como é o caso da relação entre a cidade e a favela em sua vida. De modo geral, ela expressa seus sentimentos e percepções sobre a vida e seu cotidiano, algo que consequentemente torna-se também uma descrição geográfica, expressando assim, as suas leituras do mundo.

Observou-se que, por meio do diário de Carolina, não se faz apenas a leitura de textos, mas também a interpretação de contextos, de modo que o sujeito, ao ler, possa refletir sobre o que foi narrado e, a partir disso, atuar criticamente em sua realidade. Os conceitos geográficos estão presentes em diversos momentos da obra



de forma direta e indireta, sendo que por meio deles é possível realizar uma análise do espaço vivido pela escritora, das paisagens contempladas por ela, da sua trajetória e sentimentos entre os espaços urbanos, das suas dificuldades de vida que a conduziram muitas vezes para a fome, entre outros temas que suscitam o raciocínio geográfico.

Diante disso, no próximo momento realizou-se a apresentação dos resultados obtidos após a leitura e releituras da obra, de modo a discutir as contribuições encontradas por meio da articulação da linguagem literária para o ensino-aprendizagem da Geografia.

3.1 O ensino-aprendizagem de Geografia por meio da obra – “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”

A ciência geográfica possibilita o diálogo com diversas outras áreas do conhecimento, pois ela abrange diferentes temas em suas abordagens, considerando em suas análises aspectos físicos, econômicos, culturais, sociais, entre outros que culminam para uma visão holística de um dado fenômeno e igualmente uma formação completa do aluno pelo viés da interdisciplinaridade (Pires, 1998). Nesta pesquisa em especial, a interdisciplinaridade ocorreu pela união da Geografia com a Literatura, por meio da contextualização e discussão da obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, escrita por Carolina Maria de Jesus.

Após realizar a leitura da obra, constatou-se que ela oferece possibilidades para o ensino-aprendizagem da Geografia, pois ao longo da leitura são mencionados temas pertinentes aos estudos geográficos por meio de pensamentos e sentimentos narrados pela autora dia após dia. A obra não traz a definição pronta dos conceitos, com embasamentos científicos, por vezes os conceitos aparecem nas entrelinhas da narrativa, possibilitando assim o aprimoramento do pensamento reflexivo para chegar à conclusão sobre o que está sendo discutido pela autora.

O processo de ensino-aprendizagem que se utiliza como aporte teórico da pesquisa é embasado na perspectiva de Kubo e Batomé (2001), correspondendo a um sistema de interações comportamentais entre os alunos e os professores, ou seja, o ato de ensinar é visto como uma ação do professor que segue comportamentos



específicos para chegar ao seu objetivo, enquanto aprender também requer determinados comportamentos por parte do aluno para que os ensinamentos sejam desenvolvidos plenamente. Sendo assim, não se trata de conceitos sinônimos, pois ambos são constituídos de comportamentos que partem de dois sujeitos diferentes em seus processos.

Sendo assim, de acordo com Cavalcanti (1998, p. 138):

Não se trata, então, nem de simplesmente o professor transmitir conhecimentos para os alunos, nem de apenas mobilizá-los e atender às suas necessidades imediatas. Ou seja, nesse processo nem é passivo o aluno, nem o professor. O aluno é ativo porque ele é o sujeito do processo e, por isso, sua atividade mental ou física é fundamental para a relação ativa com os objetos de conhecimento; o professor é ativo porque é ele quem faz a mediação do aluno com aqueles objetos.

Santos, Kinn e Costa (2010, p. 46) justificaram a importância da utilização de diversos recursos que envolvam a leitura destacando as habilidades desenvolvidas com essa linguagem da seguinte maneira:

As habilidades desenvolvidas com a utilização de linguagens e recursos diversos associados às de leitura e escrita tornam os alunos capazes de perceber e expressar as diversas formas de manifestação dos sujeitos e as diversas maneiras com que a vida é desenvolvida em diferentes espaços e tempos, além de fazê-los capazes de relacioná-las e compará-las ao tempo e espaço vividos (Santos; Kinn; Costa, 2010, p. 46).

A afirmativa dos autores está intimamente ligada ao ensino pautado na visão ampla do aluno sobre sua realidade, seu espaço e as formas sobre as quais ele se relaciona com o espaço, ou seja, suas geografias. A comparação com o tempo e espaço também é fundamental na análise geográfica para que o sujeito compreenda as mudanças que ocorrem ou não, porque à medida que determinados elementos são excluídos, outros são incorporados e há ainda aqueles que permanecem presentes no espaço mesmo com o passar do tempo.

Visando a contribuição para o ensino-aprendizagem da Geografia, foram selecionadas algumas categorias geográficas de análise para estudo de como elas podem ser abordadas em sala de aula por meio da obra de Carolina Maria de Jesus.

Ressalta-se que além da utilização da obra literária, o docente também deve possuir o embasamento teórico de autores da Geografia, demonstrando desse modo que a abordagem por meio dos fragmentos literários pode servir como uma ponte



entre o recurso literário e o recurso científico, ou seja, “Não se trataria de substituir a análise científica pela artística, mas permitir novas maneiras de interpretação, além de reconhecê-la como enriquecimento” (Moraes; Callai, 2012, p. 10-11). A seguir apresentou-se os temas geográficos que podem ser abordados por meio da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” para o ensino-aprendizagem da Geografia.

3.2 A narrativa das paisagens e dos lugares pelos olhares de Carolina Maria de Jesus

A percepção da paisagem na obra está comumente associada ao aspecto visual onde se observa e se descreve as formas que estão materializadas num dado espaço, mas há também uma postura sentimental por parte da autora que permite conceber o conceito em análise por outras perspectivas, envolvendo os sentidos visuais, auditivos, entre outros.

De acordo com Claude Bertrand e Georges Bertrand (2009, p. 299):

A paisagem é o reflexo e a marca impressa da sociedade dos homens na natureza. Ela faz parte de nós mesmo. Como espelho, ela nos reflete. Ao mesmo tempo, ferramenta e cenário. Como nós e conosco, ela evolui, móvel e frágil. Nem estática, nem condenada. Precisamos fazê-la viver, pois nenhum homem, nenhuma sociedade, pode viver sem território, sem identidade, sem paisagem.

É justamente nesse caminho que Carolina Maria de Jesus revela os traços da cidade de São Paulo, partindo das formas que caracterizam as paisagens, bem como os reflexos delas em sua vida. A partir deste enfoque, foram selecionados para análise alguns fragmentos da obra que demonstram relatos paisagísticos feitos pela autora, onde o leitor é conduzido ao campo da imaginação, instigado a formar em seu imaginário a caracterização dos diferentes cenários descritos (Quadro 1).



Quadro 1 - Fragmentos sobre o conceito de “paisagem” na obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (2014).

Fragmentos	
1)	<i>[...] Contemplava extasiada o céu cor de anil. E fiquei compreendendo que eu adoro o meu Brasil. O meu olhar posou nos arvoredos que existe no início da rua Pedro Vicente (p. 35).</i>
2)	<i>[...] O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se (p. 43).</i>
3)	<i>Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (p. 58).</i>
4)	<i>O dia surgiu claro para todos. Porque hoje não tem fumaça das fabricas para deixar o céu cinzento (p. 137).</i>
5)	<i>Contemplei a paisagem. Vi as flores roxas. A cor da agrura que está nos corações dos brasileiros famintos (p. 141).</i>

Fonte: Os autores – grifos nossos (2025).

No primeiro fragmento, a autora relata sobre como observava o céu e a sua coloração, em seguida menciona aspectos da vegetação existente por onde ela caminha e afirma o quanto isso a faz gostar de seu país. Para além da paisagem, esse trecho pode ainda ser utilizado para abordar o conceito de lugar, pois ele se caracteriza por ser o espaço vivido, sendo assim dotado de experiências, valores e significados subjetivos.

No segundo fragmento, a autora faz menção aos aspectos que correspondem à essência da paisagem relatando características que vão além do visual, descrevendo também sobre a brisa e o perfume da paisagem observada. Para aprofundar a discussão de Carolina sobre a paisagem no campo científico, pode-se utilizar a definição de Furlanetto (2014, p. 65), que descreveu a paisagem como “[...] produto e produtora de cultura, tem formas, cores, texturas, sons, odores e sabores que caracterizam determinados lugares, os quais são experienciados distintamente



por cada pessoa”.

Já no terceiro fragmento, é possível observar a descrição de uma paisagem imaginária, criada pela autora como uma tentativa de fugir de sua realidade, ou seja, a favela. Em seus relatos, é mencionado um castelo, com janelas e luzes, onde também existem flores de todos os tipos. O ambiente que a própria Carolina afirma ser de fantasia contrasta com descrição sobre a favela, que por sua vez se caracteriza como o quarto de despejo de São Paulo. Na perspectiva de Santos (2009, p. 66), “a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”, algo que também aparece nos relatos da autora, tendo a favela como herança de desigualdades mantidas por décadas e décadas.

Em seguida, no quarto fragmento, a autora relata que no dia 15 de novembro de 1958 o dia havia surgido claro para todos, e o motivo era porque não se tinha a fumaça das fábricas para deixar o céu cinzento. Esse trecho evidencia uma paisagem que se modifica conforme a atuação das indústrias, possibilitando também uma abordagem crítica sobre poluição ambiental, relacionando as atividades relatadas e os reflexos nas populações que vivem em suas proximidades.

No quinto fragmento, a autora afirma que ao observar a paisagem, visualiza flores roxas, em seguida tece uma relação direta com a cor das flores e o que essa cor representa em sua vida, tendo na paisagem estímulos visuais e emocionais, instigando memória do sujeito por meio da subjetividade. A paisagem representa, nesse sentido, um universo de fenômenos que podem ser interpretados por diferentes sentidos, tecendo relações que podem dialogar com diferentes linguagens, sendo uma delas a própria linguagem literária. Esses fragmentos foram selecionados com o objetivo de auxiliar o docente na discussão geográfica sobre o conceito de paisagem em sala de aula, demonstrando como o uso da obra de Carolina pode ser um recurso metodológico que favorece essa abordagem conceitual.

De acordo com Santos (1988, p. 61), a paisagem constitui “[...] tudo aquilo que nossa visão alcança”, mas é também composta por “[...] cores, movimentos, odores, sons etc”. Os fragmentos apresentados no Quadro 1 demonstram justamente os diversos aspectos da paisagem, pois a autora descreve tanto aquilo que consegue visualizar, quanto aquilo que é capaz sentir, de lembrar, revelando a paisagem com



suas cores, odores, entre outras características. É como se as paisagens presentes nas narrativas se modificassem à medida que se altera a classe social que vive nelas.

Após as análises, notou-se o quanto os relatos presentes na obra podem contribuir para a compreensão das diferentes formas de interpretar e analisar a paisagem, pois conforme Moraes e Callai destacaram: “[...] não é simplesmente observando o visível e descrevendo que se faz geografia [...]” (2012, p. 05), ou seja, é preciso ir além da mera descrição dos fenômenos e dos conceitos. Vale destacar que em cada uma das análises deve-se buscar sempre a correspondência teórica e científica que fundamente o conceito, ou seja, sempre unir a linguagem literária com a linguagem científica que a complementa, seja tanto para a paisagem quanto para os demais conceitos abordados.

Para abordar os aspectos urbanos da paisagem presente na obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, pode-se aliar a discussão com a descrição da autora sobre a cidade e a favela, sendo esses os espaços citados cotidianamente durante a narrativa. Nesses espaços, ela desenvolve suas relações sociais, culturais, entre outras que constroem a simbologia de tais espaços, tornando-os lugares de sua vivência. De acordo com Brito e Rennó (2009, p. 1-13):

O processo histórico que engendrou o desenvolvimento do termo e os símbolos relacionados ao que convencionou-se estabelecer como conceito de favela emerge como uma proposta dominante nos estudos sobre as áreas de ocupação irregular. Muitas vezes relacionada ao discurso das ausências, a Geografia acaba por desenvolver um repertório de estudos sobre estas áreas baseado exatamente nestas carências.

[...] favela é a representação do lugar das ausências (em relação ao urbano).

A descrição apresentada pelos autores condiz com a favela narrada e vivida por Carolina Maria de Jesus. A favela do Canindé localizava-se na cidade São Paulo - SP, próxima às margens do rio Tietê, popular por ser um dos rios mais poluídos do Brasil e por ser o destino, em sua maior parte, de esgoto doméstico e industrial sem tratamento adequado. O padrão urbanístico era irregular, composto por barracões improvisados, onde havia uma enorme carência de serviços públicos essenciais como: o acesso à alimentação, à água e ao saneamento básico.

No livro, são diversos os momentos em que a autora demonstra sua insatisfação em habitar na favela, como no trecho: “[...] Estou residindo na favela. Mas



se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas” (Jesus, 2014, p. 20). Percebe-se que mesmo tendo a favela como um lugar de moradia, seu sonho é partir e encontrar outro espaço onde se sintam bem e torne seu novo lugar. No relato do dia 19 de maio de 1958, a autora faz um de seus relatos mais intensos, pois a partir dele também se subentende o significado maior por trás do título de seu diário. Ela se expressa dizendo:

[...] Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar em quarto de despejo (Jesus, 2014, p. 37).

Nesse trecho em específico, a autora tece uma comparação direta entre a cidade e a favela por meio de uma analogia, onde: a cidade corresponde a uma bela sala de visitas, espaço mais popularmente frequentado em uma casa; e a favela por sua vez corresponde ao quarto de despejo, que numa reflexão mais profunda pode ser entendido como um quarto isolado da casa, longe da sala, destinado a guardar a bagunça e tudo aquilo que não tem utilidade.

Carlos (2009, p. 57) afirmou que “a cidade é uma realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas”. Tal definição se adequa a descrição por Carolina Maria de Jesus, onde a cidade apresenta diferentes características de acordo com “[...] a organização política, a estrutura de poder da sociedade, a natureza e repartição das atividades econômicas, as classes sociais” (Carlos, 2009, p. 57).

Observa-se, ao longo da leitura, o contraste entre a cidade e a favela pelos olhares da autora, tanto em relação às características físicas das paisagens quanto aos reflexos emocionais que cada uma delas provoca, despertando emoções ora de alegria, ora de tristeza. Um exemplo do sentimento de tristeza manifestado pelo lugar, é quando no dia 21 de maio de 1958 a escritora relata que teve um sonho onde ela morava em uma boa casa e tinha condições para alimentar seus filhos, mas quando acorda, a tristeza profunda vem e ela escreve: “Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, às margens do Tietê. E com 9 cruzeiro apenas” (Jesus, 2014, p. 39).



Ao descrever sua renda, a autora também abre possibilidade no sentido da abordagem da pobreza urbana quando afirma em seu diário que é uma pessoa marginal, seguindo o seguinte raciocínio: “Nós somos pobre, viemos para as margens dos rios. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais” (Jesus, 2014, p. 54). Observa-se que para ela a definição de marginal está intimamente relacionada à localização geográfica, na primeira percepção entende-se tratar de alguém à margem do rio Tietê onde residia, mas considerando uma reflexão mais profunda, pode-se dizer também que marginal é uma pessoa que vive à margem da própria sociedade, como foi o caso da autora, marginalizada em ambos os sentidos.

Segundo a escritora, a favela era: “Um lugar que não se pode plantar flores para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho” (Jesus, 2014, p. 47), também não era um lugar atraente, as pessoas que lá chegavam para morar não demonstravam nenhum entusiasmo ou felicidade com a mudança, pois além de todo seu exterior ser carente de beleza “[...] O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga”.

Quando o conceito de cidade aparece no diário, geralmente está associado à paisagem urbana, dotada de beleza e um lugar agradável. A autora a compara inclusive como paraíso, onde as pessoas vivem bem vestidas e em casas decoradas com vasos de flores. Já a favela é comparada a uma úlcera, doença que pode se manifestar em várias partes do corpo causando lesões por onde passa. Diferente da úlcera doença, que pode atingir qualquer parte do corpo, a favela do Canindé, dentro dessa analogia, não se manifestava em qualquer parte de São Paulo, mas especialmente em suas extremidades, ou seja, em suas margens.

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com suas úlceras. As favelas (Jesus, 2014, p. 85).

Nota-se, por meio da Figura 2, que as características que a favela do Canindé possuía enquanto uma paisagem materializada no espaço de São Paulo – SP condiz com as descrições feitas por Carolina. Nessas descrições, é possível observar a

simplicidade das casas, a ausência de plantas e árvores, também a não existência de calçadas ou qualquer indício de construções com revestimento em concreto. Tais características também se relacionam aos sentimentos que a autora desenvolve pela favela enquanto seu lugar de vivência, onde não sente prazer em residir devido à sua aparência degradante e ausência de recursos básicos.

A fotografia, assim como a literatura, constitui uma linguagem importante para as aulas de Geografia, uma vez que espacializa e materializa formas que antes estavam na imaginação dos alunos. Durante a leitura da obra de Carolina Maria de Jesus, é possível viajar por diversos espaços da cidade de São Paulo – SP, observando os contrastes sociais de cada um deles.

Figura 2 - Favela do Canindé.



Fonte: Acervo fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo (2025).

Desde a cidade até a favela, desde as pessoas que residem em barracões até as que moram em casas de alvenaria, a provocação dessas disparidades está para além de onde vivem, considerando também como vivem e como tais sujeitos constroem seus vínculos com cada espaço para que se torne um lugar de afetividade, em vez de um lugar, na maioria das vezes, marcado pelo desgosto, como era o caso de Carolina.

Desse modo, notou-se que os fragmentos discutidos ao longo do texto possibilitam a abordagem sobre os aspectos urbanos da paisagem e podem ainda ser utilizados pelo docente acompanhados do uso de fotografias, favorecendo assim o processo de ensino-aprendizagem por meio da obra e das possibilidades que ela

oferece no contexto geográfico.

O lugar vivido pela escritora e as paisagens que fazem parte de seu cotidiano já denotam a realidade sobre a qual ela se encontra inserida: à margem da sociedade e exposta aos inúmeros problemas que afetam diretamente sua qualidade de vida, dentre eles, a desigualdade social que a sentencia para pobreza e a fome.

3.3 Pelas veias da pobreza e cicatrizes da fome

A fome, acompanhada pela tristeza, pelo nervosismo, tontura, visão amarelada, insegurança, entre outros sentimentos, foi vivida diariamente por Carolina. A fome se manifesta como fenômeno doloroso e cruel, que mesmo décadas após a publicação da obra ainda assola mais de 33 milhões pessoas no Brasil segundo o II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil (2022). O Quadro 2 apresentou mais uma seleção de fragmentos extraídos da obra, cujo conteúdo pode ser utilizado para a discussão geográfica a respeito da fome em sala de aula, favorecendo o ensino-aprendizagem de temas que, mesmo com o passar do tempo, ainda fazem parte da realidade brasileira.

Quadro 2 - Fragmentos sobre o conceito de “fome” na obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (2014).

Fragmentos	
1)	<i>“[...] O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora” (Jesus, 2014, p. 29).</i>
2)	<i>“E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual – a fome!” (Jesus, 2014, p. 32).</i>
3)	<i>“Antigamente era a macarronada o prato mais caro. Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! Vocês eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos indigentes. Vejam só. Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo. Quem não nos desprezou foi o fubá. Mas as crianças não gostam de fubá” (Jesus, 2014, p. 43).</i>
4)	<i>“A tontura da fome é pior que do que a do álcool A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago” (Jesus, 2014, p. 44).</i>
	<i>“Eu saí e fui girar para arrancar dinheiro. Passei no Frigorífico, peguei uns ossos. As</i>



- | | |
|----|--|
| 5) | <i>mulheres vasculham o lixo procurando carne para comer. E elas dizem que é para os cachorros. Até eu digo que é para os cachorros [...]</i> (Jesus, 2014, p. 105). |
|----|--|

Fonte: Os autores – grifos nossos (2025).

No primeiro fragmento, a escritora reforça a necessidade do país ser administrado por alguém que conheça a realidade da fome, pois a mesma se classifica como sendo um problema estrutural naquele período quando afirma: “[...] De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem sua matriz nas favelas e as sucursais nos lares dos favelados” (Jesus, 2014, p. 40). Carolina Maria de Jesus também demonstrava sua indignação de ver que em um país fértil como o seu, as pessoas que viviam nas favelas ainda precisavam imitar os corvos para sobreviver, procurando alimentos no lixo, que mesmo deteriorados e vencidos, eram muitas vezes a única opção para não dormirem de barriga vazia.

Tendo em vista as definições iniciais da fome e seus impactos pela perspectiva de quem a vivenciou, nesse segundo momento a definição sobre tal conceito será complementada por meio de estudos científicos. De acordo com Ziegler (2013, p. 37), a fome pode ser classificada em dois tipos, sendo um deles a fome estrutural, definida como “[...] própria das estruturas de produção insuficientemente desenvolvidas dos países do Sul. [...] A fome estrutural significa a destruição psíquica e física, aniquilação da dignidade, sofrimento sem fim”. O outro tipo é conhecido por fome conjuntural, sendo classificada como:

[...] altamente visível. Irrompe periodicamente nas telas da televisão. Ela se produz quando, repentinamente, uma catástrofe natural – gafanhotos, seca ou inundações assolam uma região – ou uma guerra destrói o tecido social, arruína a economia, empurra centenas de milhares de vítimas aos acampamentos de pessoas deslocadas no interior do país ou de refugiados para além-fronteiras (Ziegler, 2013, p. 37-38).

Mesmo que existam em tipos e intensidades diferentes, a fome se faz presente no mundo todo, pois trata-se de um fenômeno sem restrições geográficas como já afirmava Castro (1984). A fome estrutural foi a fome vivida por Carolina e por seus filhos João, José e Vera Eunice durante todos os anos em que viveram na Favela do Canindé. No dia 13 de maio de 1958, Jesus (2014, p. 32) começa seu diário dizendo que essa data lhe é um dia simpático, devido à comemoração da libertação dos escravos, mas sua simpatia dura pouco, e no fim do dia ela escreve que mesmo

liberta, agora ela precisava lutar contra a escravidão atual, a fome.

O aumento no preço dos alimentos refletindo no custo e modo de vida da população trabalhadora da época é apresentado no segundo e terceiro fragmento selecionado. No segundo fragmento, a escritora relata que ainda se sente como uma escrava dos tempos atuais, onde o custo de vida a impede de ser livre para realizar as necessidades mais básicas, como a alimentação. Já no terceiro fragmento, destaca-se o impacto do aumento do preço dos alimentos na variação do cardápio da população, que deixa de comer alimentos considerados base do cardápio brasileiro devido à impossibilidade financeira de adquiri-los.

Esse fragmento, em especial, foi revivido em 2021 por meio de reportagens que comparavam a obra de 1960 com a realidade das favelas atuais. A reportagem apresentada na Figura 3 colabora servindo de recurso para contextualização e comparação de um fenômeno que ocorria no passado, ainda acontece no presente e deixa pairando se vai continuar a acontecer no futuro. Nesse momento, o docente pode ainda realizar uma analogia dos tempos de Carolina aos dias atuais, de modo que seja sempre possível atualizar as análises diante do contexto vivido no país.

Figura 3: Reportagem sobre a fome.



Fonte: G1 (2022).

De acordo com Sen (2010, p. 120), “a pobreza deve ser vista como privação de capacidades básicas em vez de meramente como baixo nível de renda, que é o critério tradicional de identificação da pobreza”. Conforme exposto pelo autor, a pobreza deve ser analisada para além de medidas estatísticas de renda, uma vez que a principal manifestação desse fenômeno é a impossibilidade de suprir necessidades básicas,



como o direito à alimentação.

A sociedade urbana é dividida entre aqueles que têm acesso às mercadorias e serviços numa base permanente e aqueles que, embora tendo as mesmas necessidades, não estão em situação de satisfazê-las, devido ao acesso esporádico ou insuficiente ao dinheiro. Isso cria diferenças quantitativas e qualitativas de consumo (Santos, 2009, p. 45).

No quarto fragmento selecionado, nota-se a discussão sobre o impacto que a falta de alimentação adequada causa na saúde e qualidade de vida das pessoas. A autora tece uma comparação entre a tontura pelo álcool e aquela causada pela fome: enquanto o álcool desestabiliza temporariamente, a fome pode causar danos irreparáveis na vida de quem a vivencia cotidianamente.

Segundo Caparrós (2016, p. 11), “Não há nada mais frequente, mais constante, mais presente em nossas vidas do que a fome – e ao mesmo tempo, para a maioria de nós, nada mais distante do que a fome verdadeira”. Isso significa dizer que a fome é algo que existe para todos, mas enquanto uns, logo ao senti-la, podem saciá-la, outros não possuem essa opção e o que lhes resta é a fome com suas consequências físicas e emocionais já descritas anteriormente por Ziegler (2013).

O quinto fragmento apresenta outra possibilidade de comparação entre os acontecimentos do passado e os dias atuais, aliando a reportagens. A situação vivida pela escritora em 1958 se repetiu no ano de 2021, com o aumento constante no preço dos alimentos em consequência da Pandemia de COVID-19 que afetou devastadoramente o mundo. As pessoas que já se encontravam em algum tipo de vulnerabilidade se viram empurradas para um abismo da fome há tempos não visto, com cobertura nacional sobre pessoas catando alimentos no lixo, que variaram desde alimentos com os prazos de validade ultrapassados, até restos de carne e ossos, conforme demonstra a Figura 4.

Figura 4: Capa do Jornal EXTRA.



Fonte: Extra, 2021.

Por meio da segunda reportagem, o docente pode novamente instigar o raciocínio geográfico dos estudantes na identificação das transformações ocorridas entre as décadas de 1950 e 1960 e o período atual, em que a discussão ainda se faz presente. Desse modo, estimula-se o pensamento crítico dos sujeitos sobre os contextos geográficos e históricos de seu país, em diferentes escalas de tempo.

O motorista do caminhão dos ossos relata que: “Antes as pessoas passavam aqui e me pediam um pedaço de osso para dar para os cachorros, hoje, elas imploram por um pouco de ossada para fazer comida. O meu coração dói” (Extra, 2021). Em uma de suas viagens para o Brasil, quando visitava a praia de Boa Viagem, Ziegler (2013) relatou que presenciou uma situação semelhante a que ocorreu na reportagem sobre o caminhão dos ossos, mas dessa vez os restos de alimentos estavam nas embarcações dos pescadores, que ao retornar ao fim do dia já tinham ao seu aguardo mães que esperavam angustiadamente por qualquer vestígio do que antes era um peixe.

Carolina relatou repetidas vezes em seu diário que a pior coisa do mundo é a fome, e de acordo com as estimativas atuais, ainda é o pensamento de aproximadamente 33 milhões de brasileiros que continuam a enfrentar um problema que advém de séculos passados. Portanto, as possibilidades de abordar a fome na Geografia por meio da obra de Carolina Maria de Jesus são inúmeras, desde as diferenciações conceituais, aliadas a reportagens atuais, até outras formas que podem ser adaptadas conforme a necessidade. Afinal, para trabalhar qualquer tema em sala de aula, não existe uma fórmula pronta e acabada.



Tendo em vista os apontamentos realizados, notou-se o quanto a utilização da obra literária selecionada constitui um recurso metodológico que agrega valor para o ensino-aprendizagem da Geografia. Pois, ao ensinar, o professor tem autonomia para realizar a seleção dos trechos literários que melhor se adequem ao conteúdo, como foi exemplificado. Ao mesmo tempo, no processo de aprendizagem, os alunos entram em contato com uma linguagem mais sensibilizadora, que estimula reflexões críticas sobre situações que já ocorreram e ainda ocorrem em seu próprio país.

Vale destacar que a obra “Quarto de despejo: diário de uma favela” tem sua classificação indicativa voltada para o público juvenil, portanto sugere-se que seu uso na Educação Básica seja voltado para alunos do Ensino Médio, em especial alunos do terceiro ano que estão entre 16 e 17 anos de idade e, inclusive, podem se deparar com a obra como leitura obrigatória nos vestibulares. Nesse sentido, notou-se novamente a relevância da articulação entre as áreas do conhecimento e as linguagens, visando o desenvolvimento dos alunos não de forma separada em gavetas, mas sim de forma integradora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões realizadas sobre a articulação da linguagem literária para o ensino-aprendizagem da Geografia por meio da obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, notou-se as potencialidades das contribuições oriundas da união interdisciplinar da Literatura com a Geografia, pois a obra possibilita a leitura não apenas de textos, como já foi mencionado anteriormente, mas também a interpretação de contextos reais e atuais.

Além disso, estimula o raciocínio geográfico por meio do viés materialista histórico-dialético que considera as ações da sociedade refletindo na caracterização da paisagem, do lugar, da problemática da fome, entre outros temas. Um dos exemplos de transformações no espaço geográfico desde o lançamento da obra é a própria favela do Canindé, que já não existe mais, no entanto, a fome ainda é uma realidade para muitos brasileiros que continuam ouvindo seus filhos pedirem comida, mas sem ter o que oferecer, vão dormir na tentativa de esquecer a sensação de estômago vazio e seguem tendo suas vidas ceifadas pela falta de um direito básico:



a alimentação.

Tendo em vista toda discussão realizada, a presente pesquisa caminhou justamente rumo à percepção do quanto a articulação entre a Geografia e Literatura se traduz em uma verdadeira prática interdisciplinar e sensibilizadora. Espera-se que por meio desse estudo, a utilização da linguagem literária para o ensino-aprendizagem da Geografia torne-se cada vez mais difundida, em especial por meio da obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, que contribui significativamente para o maior desenvolvimento e consolidação da educação geográfica envolvendo leituras sobre a realidade brasileira.

Sendo assim, a obra permite, por meio dos processos de ensino-aprendizagem, a construção de saberes tanto dos alunos quanto dos professores. O professor aprende ao ter contato com esse novo recurso metodológico, podendo utilizá-lo para o ensino em diferentes momentos de acordo com o conteúdo a ser abordado, e o aluno aprende por meio das reflexões desenvolvidas após a discussão da obra em sala de aula.

Ressalta-se que os conceitos abordados nesta pesquisa não se esgotam por aqui, pois a obra apresenta inúmeras outras questões que envolvem a Geografia, dentre elas: espaço, território, região, segregação socioespacial, questões étnico-raciais, geografia política, entre outros temas que resultariam em outras vastas pesquisas.

LEANDRA EDUARDA FABRI REZENDE

Mestre em Ensino pelo PPGEN - UENP. Licenciada em Geografia pela UENP - Campus Cornélio Procopio/PR. É pesquisadora no Grupo de Pesquisa GEOFOME - Geografia da Fome, Território, Campo-Cidade e Desenvolvimento.
lefabrierezende@gmail.com

VANESSA MARIA LUDKA

Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná no curso de Licenciatura em Geografia e no Programa de Pós-Graduação em Ensino - PPGEN. Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. É líder do Grupo e Pesquisa GEOFOME - Geografia da Fome, Território, Campo-Cidade e Desenvolvimento.
vanessaludka@uenp.edu.br

SÉRGIO AUGUSTO PEREIRA

Professor da Universidade Estadual do Norte do Paraná no curso de Licenciatura em Geografia. Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).



Graduado em Geografia e Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP. É pesquisador no Grupo de Pesquisa GEOFOME - Geografia da Fome, Território, Campo-Cidade e Desenvolvimento. sergio.pereira@uenp.edu.br

REFERÊNCIAS

ACERVOS ARTÍSTICOS E CULTURAIS DA PREFEITURA DE SÃO PAULO.

JUSTINO, Ivo. Disponível em:

<http://www.acervosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ResultadosBusca.aspx?ts=s&q=favela%20do%20canind%C3%A9>. Acesso em: 10 ago. 2022.

BASTOS, G. A. **O gênero diário como expressão emocional**: um incentivo à prática da escrita. Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Mestrado Profissional em Letras - Profletras, Vitória, 2021. Disponível em:

<https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/899/DISSERTA%C3%87%C3%83O_G%C3%AAnero_Di%C3%A1rio_Express%C3%A3o_Emocional_Leitura.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 18 abr. 2022.

BERTRAND, C.; BERTRAND, G. **Uma Geografia transversal e de travessias**: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Maringá: Ed. Massoni, 2009.

BRITO, M. R. C.; RENNÓ, A. N. **A favela da geografia**: análise e uso do conceito de favela. In: 12º EGAL - Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2009, Montevideo. Caminando en una América Latina en Trabsformación, 2009.

CAPARRÓS, M. **A FOME**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

CAVALCANTI, L. de. S. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. 16ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, L. **A geografia escolar e a cidade**: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 8ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

CASTRO, J. de. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

EXTRA. **A dor da fome: capa do jornal Extra ganha repercussão internacional**. Disponível em:<<https://extra.globo.com/noticias/rio/a-dor-da-fome-capa-do-jornal-extra-ganha-repercussao-internacional-25222868.html>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

FERRÉZ (Org.). **Literatura marginal**: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro:



Agir, 2005.

FURLANETTO, B. H. PAISAGEM SONORA DO BOI-DE-MAMÃO NO LITORAL PARANAENSE: A FACE OCULTA DO RISO. **Tese**. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/36780/R%20-%20T%20-%20BEATRIZ%20HELENA%20FURLANETTO.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 14 dez. 2022.

G1. **‘Até o feijão nos esqueceu’**: o livro de 1960 que poderia ter sido escrito nas favelas de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/05/17/ate-o-feijao-nos-esqueceu-o-livro-de-1960-que-poderia-ter-sido-escrito-nas-favelas-de-2021.ghtml>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil [livro eletrônico]: II VIGISAN: relatório final/Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar – PENSSAN. -- São Paulo, SP: Fundação Friedrich Ebert: Rede PENSSAN, 2022. Disponível em: , <https://static.poder360.com.br/2022/06/seguranca-alimentar-covid-8jun-2022.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática 2014.

KUBO, O. M.; BOTOMÉ, S. P. **Ensino-aprendizagem**: uma interação entre dois processos comportamentais. Curitiba: Interação Psicologia. v. 5, p. 133-171, 2001.

LITERAFRO. **Carolina Maria de Jesus**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MARX, K. **A revolução antes da revolução**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MORAES, M. M. de.; CALLAI, H. C. As possibilidades entre literatura e geografia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NO MERCOSUL, 14, 2012, Cruz Alta. **Anais...** Cruz Alta, 2012. v. 14, p. 1 – 14.

MUSEUS DA CIDADE DE SÃO PAULO. **Favela de Canindé**. Click Museus – Sabrina Nunes. Disponível em: <https://clickmuseus.com.br/carolina-de-jesus-poetisa-negra-brasileira/> Acesso em: 02 mar. 2025.

PIRES, M. F. de. C. **Education and the historical and dialectical materialism**. Interface — Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997.

PIRES, M. F. de. C.. **Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e**



transdisciplinaridade no ensino. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 2, n. 2, p. 173-182, 1998.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado:** fundamentos Teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **Pobreza Urbana.** 3a ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

SANTOS, R. J.; KINN, M. G.; COSTA, C. L. da. Capítulo 2 - **Ensino de Geografia e novas linguagens.** In: Coordenação, Marísia Margarida Santiago Buitoni. (Org.). Coleção Explorando o Ensino. Brasil: Ministério da Educação, 2010, v. 22, p. 43-60.

SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ (UENP). Disponível em: <https://uenp.edu.br/noticias/item/2046-uenp-divulga-nova-lista-de-livros-para-o-vestibular-2019>. Acesso em: 04 set. 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ (UENP). **Vestibular 2020:** Conteúdo programático. Disponível em: <https://vestibular.uenp.edu.br/2020/docs/anexoii-conteudo-programatico.pdf>. Acesso em: 04 set. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). **Leituras Obrigatórias 2019.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/coperse/concurso-vestibular/anteriores/2019/leituras-obrigatorias-2017>. Acesso em: 04 set. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). **Leituras Obrigatórias 2020.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/coperse/concurso-vestibular/anteriores/2020/leituras-obrigatorias-2020>. Acesso em: 04 set. 2021.

ZIEGLER, J. **Destruição em massa:** geopolítica da fome. São Paulo: Cortez, 2013.

Recebido em 09 de maio de 2024

Aceito em 08 de junho de 2025